

## FLORES RARAS, VOZES ENCANTADAS DO CERRADO GOIANO

### RARE FLOWERS, ENCHANTED VOICES OF THE CERRADO GOIANO

Suelma Carrijo Alves Cadeiras<sup>1</sup>  
Cleumar de Oliveira Moreira<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica em Currículos de Literatura Brasileira III, referenciado no método materialismo histórico dialético e uma entrevista semi-estruturada em que os dados colhidos foram textualizados em perspectiva de análise qualitativa. Na abordagem em questão há presença de um pouco da teoria dos mesmos, bem como estudos da formação da literatura brasileira, da História de Goiás para questionar a extinção da disciplina Literatura Goiana, do curso de Letras, na Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Inhumas; em que a pesquisa realizada situou-se em recorte sincrônico destes planos de curso dos anos letivos de 2004 a 2009.

**Palavras-chave:** currículos, literatura, Goiás

**Abstract:** This work presents a bibliographic research on Brazilian Literature Curriculum, based on historic dialectic materialism method and a interview semi-structured where the datas presented in a qualitative analysis perspective. On the presented approach, there is a little of theories as studies about Brazilian Literature formation, of Goiás History to investigate the extinction of Goiás Literature from Letras course of Inhumas unity of Universidade Estadual de Goiás. The research was realized in a sincronic base of course plans of the years 2004 to 2009.

**Key words:** curriculum, literature, Goiás

#### Introdução

O bandeirantismo marca o desbravamento das terras centrais do coração brasileiro. Mesmo antes da chegada da Família Real ao Rio de Janeiro, em 1808, as terras goianas enriqueciam o rei com a exploração aurífera. Enquanto a efervescência tomava o sudeste, este celeiro, ainda desconhecido, guardava segredos e encantos em águas cristalinas correntes junto às árvores de ipê.

---

<sup>1</sup> Especialista em Docência Universitária pela Universidade Estadual de Goiás (Unidade de Inhumas); Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (Unidade de Inhumas); Docente da Secretaria Municipal de Educação de Inhumas.

<sup>2</sup> Mestre em História pela UFG; Graduado em História pela UFG; Professor dos cursos de Pedagogia e História da Universidade Estadual de Goiás, respectivamente nas unidades de Inhumas e Morrinhos; Coordenador Geral de Cursos da Faculdade de Anicuns.

Cerca de três séculos resguardadas, na “terra de ninguém”, não tinha atividade econômica que despertasse investidas. Mas... Junto à chegada do explorador trouxe ambição e progresso, colheu flores, derrubou o cedro.

No frio da manhã, o coronel Pedro Melo ia pela estrada montado na sua grande mula, a maior de que havia notícia naquela região. Tilintava as esporas, as rodela dos freios, as fivelas e bombas do arreio e da cabeçada. Atrás iam os dois jagunços, Mulato e Resto-de-Onça, cada qual com sua repetição alceada no ombro. Os cascos batiam nas pedras. Pelos baixos, a neblina ia densa, molhando o capim que pegava a amarelar. Os bem-te-vis cantavam pelos altos angicos.

Pedro Melo dirigia-se para a Grota, ia pôr seu filho Artur a par de tudo que se passava no povoado, queria dar-lhe parte das exigências de Vicente Lemes.

O velho olhava sobranceiro a paisagem que lhe era tão familiar. Quantas vezes já passaram por ali, nem sabia ao certo! Julgava-se o criador daquela paisagem, daqueles caminhos, daquelas cercas, daqueles muros e daquelas pontes. Tudo saíra de suas mãos ou das de seu filho. Era o criador e dono daquilo tudo. No entanto, Vicente Lemes e Valério Ferreira pretendiam governar. Essa era boa! Uns preguiçosos daquela marca! Que é que eles já haviam feito para a região, a não ser fuxicos e mais fuxicos? Pela frente corria a estrada orvalhada e ainda sem sol. Era uma estrada carreira.

Quando o velho era menino, havia ali apenas um trilheiro de jumentos. Bem se lembrava de quando a abriu. Era mocinho, que bons tempos! A estrada antiga nem merecia esse nome. Mal dava passagem para os cargueiros de mantimentos. Para ir a Barreiras era duro. Os comerciantes da Bahia até debicavam:

- Ei, seu moço, esse seu Goiás é mesmo um fim de mundo! Por que é que você não traz carro de boi para levar mercadoria?

Pedro Melo enrolava conversa e ria para disfarçar o embaraço. No fundo, ficava agravado. Na verdade não levava carro de bois a Barreiras porque a estrada não dava passagem. Dava isso para meter os burros pelas grotas e serrotes.

Os comerciantes, entretanto, tanto azucrinaram que um dia Pedro não se conteve:

- Homem, não trago carro porque acho tropa melhor de lidar.

- Quiá, quiá, quiá - estalaram as gargalhadas em redor. - Ó homem de boca dura! Tu não traz carro porque lá não existe estrada - chasqueou um dos caixeiros da Rainha da Barateza, a melhor casa comercial de Barreiras. O Melo sentiu a cara lascar fogo:

- Pois pro ano, por esse tempo, estou aportando aqui com dois carros, de boiada baia.

O dono da Rainha da Barateza, onde conversavam, saltou o balcão para fora, deu dois tapas nas costas de Pedro, mandou um caixeiro trazer a garrafa de vinho-do-porto e cálices, e distribuiu a bebida para todos:

- Olhem, vocês são testemunhas. Se esse goiano entrar aqui, pro ano, com um carro de bois, eu mando dizer uma missa cantada. Já não falo em dois, basta um carro. (ÉLIS,1956)

Assim, como os comerciantes da Bahia que afrontaram o Coronel Pedro Melo, Goiás ainda é descrito por muitos que o desconhecem, porém há muita beleza nesse planalto; berço de Cora, de Hugo de Carvalho Ramos, J. J. Veiga, Bernardo Élis e outras vozes encantadas do cerrado.

A arte literária desperta o subjetivismo, elabora a imitação, proporciona o prazer do belo e o que se tem de mais sublime no ser humano, a vida! Sua sublimação está na linguagem, que comunica, extravasa sentimentos líricos, sociais. É na catarse, na peripécia da diegese que está o reconhecimento do ser na dor e no alívio, através da magia daquele que a compõe e do deleite em reciprocidade. São obras esculpidas na diversidade: heróis das secas e dos mares, criaturas destemidas em busca do bem e/ou mal; figuradas por um criador onipresente, capaz de fazer emergir, imergir ou evaporar múltiplas consciências de seus personagens e até da sua plateia.

No curso de Letras da Unidade Universitária de Inhumas, a Literatura de Goiás tornou-se algo remoto e distante; foi esquecido o estudo de autores em que a elaboração de seus escritos é de valor histórico, os quais apresentam elementos fictícios e transcendentais. Neles estão contidos ensinamentos que falam, ora em fluxo de memória, ora metaforizados, aspirando ao reconhecimento na literatura nacional. São poetas e prosadores que cooperam para o saber e reconhecimento da geografia goiana; sendo essa também inerente aos conteúdos sistemáticos de Língua Portuguesa, cuja vitalidade é a linguagem. E para o sujeito entender a cultura de seu país, a priori, tem-se a da sua região.

“Flores Raras, Vozes Encantadas, do Cerrado Goiano” traz uma visão literário-histórica do estado de Goiás e deseja questionar através desse estudo, em Currículos, por que os encantos dessas vozes foram silenciados; bem como a frequência histórica que reside e mobília as suas estampas; já que suas referências são de suma importância para a continuidade dessa cultura! Também traz a pretensão de conhecer quais valores sociais, econômicos de Goiás estão em questão em seus estudos literários.

Partindo dessas considerações, esse trabalho de Pesquisa, em Educação Superior, consiste em observar os Currículos de Literatura Brasileira III, como objeto de estudo, tendo como foco a Literatura Regional de Goiás, ministrada no Curso de Letras, na Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Inhumas.

Esse trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica, de análise documental, no método materialismo histórico dialético, com entrevista semi-estruturada e análise de dados qualitativos. Vale lembrar que Goiás é um estado que despontou para o mercado interno e externo a partir de 1920 e que em meados dessa data, tocava-se

boiada, enquanto havia fervor ideários nos grandes centros do sudeste de onde partia a referência da economia e da arte brasileira.

## **Panorama Histórico da Literatura Goiana**

A carta de Caminha em certame é considerada o documento histórico-literário do descobrimento verde-amarelo; isto se explica por descrever as terras encontradas pelos portugueses e por observar que suas pautas são recitadas e enfatizadas como poesia.

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a modo de roque de xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber.

Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobre-pente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, na parte detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena, com uma confeição branda como, de maneira tal que a cabeleira era mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia minguia mais lavagem para a levantar. [...]

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E portanto se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles qualquer cunho que lhe quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E o Ele nos para aqui trazer creio que não foi sem causa. E portanto Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E prazerá a Deus que com pouco trabalho seja assim!

Eles não lavram nem criam. Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao viver do homem. E não comem senão deste inhame, de que aqui há muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si deitam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos. [...]

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra de cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia... muito

chá e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos -- terra que nos parecia muito extensa.

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!

Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que não houvesse mais do que ter Vossa Alteza aqui esta pousada para essa navegação de Calicute bastava. Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa fé! (CAMINHA, 1500)

De acordo com Coutinho (2004), a literatura brasileira, no sentido amplo do termo, inicia-se com a carta do achamento, escrita por Pero Vaz de Caminha. No entanto, não se trata ainda de uma literatura brasileira no sentido exato do termo, mas sim de uma literatura feita no Brasil; por pessoas estrangeiras. Ou seja, é uma literatura brasileira na medida em que é feita em terras brasileiras e versa sobre as coisas, por assim dizer, aqui encontradas até então.

Partindo do pressuposto, no reconhecimento da terra interior, os bandeirantes caminharam do litoral para o centro; assim considera-se que após a ocupação e exploração litorânea, os desbravadores, navegando por águas doces, chegaram ao cerrado; muitos, porém não intencionados em se fixar, mas somente de levar índios, na busca de mão de obra escrava e marcar caminhos.

Conta-se que Goiás foi descoberto por Bartolomeu Bueno, o Anhanguera, que se fixou aqui, oportunizando a vinda das bandeiras as quais tinham como principal meta a busca por metais. Primeiramente, chegaram por via fluvial e depois abriram caminhos com os muares.

Com os achados auríferos surgiram também os primeiros arraiais, porém a produção encontrada era levada para os grandes centros. Ocorreu que o estado ficou estagnado no tempo e na "cultura", pois o analfabetismo, a exploração, a dificuldade no transporte e a agropecuária comandada por Coronéis e pelo Estado, fizeram, através do isolamento geográfico e espiritual do estado e imaturidade político-administrativa (TELES, 1983), um retardamento na produção goiana a qual não acompanhou a efervescência dos grandes centros do país; consolidando-se somente no Modernismo, após a Revolução de 1930.

[...] Entretanto essa literatura dispersa, que refletia o tardio e vagaroso desenvolvimento de Goiás, desde o início do século XX se sentia insatisfeita na sua relatividade. Lutando contra as próprias condições ambientes, alguns escritores mais atilados procuravam a Metrópole (Rio de Janeiro ou São Paulo). Foram Poucos, todavia. Só com bastante atraso chegavam a Goiás as idéias literárias dos grandes centros culturais do país.

Essa crescente insatisfação, auxiliada algumas vezes por uma e outra iniciativa pública ou particular, veio encontrar um sentido de afirmação coletiva depois da revolução de 1930, de cujas mudanças político-sociais se levantou a nova capital goiana. (TELES, 1983, p. 32)

Com a entrada das bandeiras, foi sedenta a levada do ouro e minérios até a sua decadência. A partir de então Goiás foi invadido, a princípio pelos próprios mineiros, em busca dos grandes espaços vazios para criação de gado; mas procuravam legalizar as terras justificando que pela escassez dos minérios, era necessário lavouras para subsistência. Acontece que a população era em minoria branca e maior parte negra, cargos de confiança eram concedidos aos “cidadãos de bem” que eram nomeados pela Corte. Neles era confiado o poder de julgar e comandar; disseminando assim o germe do Coronelismo goiano. Itamy Campos, em um trabalho pioneiro, discorre sobre o referido assunto no comando do cenário agrário goiano.

Estes três elementos – chefia política municipal, situacionismo estadual e governo federal – habilmente coordenados pela política dos governadores, vão formar o tripé de estabilização do sistema político brasileiro, conhecido também como arranjo coronelístico. [...]

A nível estadual, o arranjo coronelístico vai ser estabelecido pelo compromisso entre grupos políticos municipais, sobre o controle político estadual, sendo dada ‘carta branca’ aos coronéis e seus domínios. (CAMPOS, 1987, p.19)

Também Nasr Fayad Chaul, no ensaio *Marchas para o Oeste* descreve a triste realidade, instalada no estado de Goiás, para os imigrantes, os quais sem condições financeiras e sem trabalho fixavam-se nas proximidades dos arraiais ou aceitando a condição de agregados de Coronéis.

(...) Aos “desordeiros da fé”, homens sem posse, severinos de morte e vida das terras sonhadas, restavam áreas distantes dos centros urbanos. Terras devolutas recebiam ranchos de arquitetura sertaneja, símbolos de posse, marcos de ocupação fincados na imensidão de Goiás. A abundância de terras e os poucos métodos empregados na agricultura estimularam a posse, forma encontrada para se adquirir o quinhão de terra. (CHAUL, 1988, p.115)

Observando esse tempo, fase de poeira nas estradas e novo ciclo de exploração–agropecuária – vê-se que a dolorosa situação escravista, assim como

houve no restante do Brasil, servirá de painel para uma literatura que inicialmente cantou em poesia as belezas e pormenores de sua terra e despontou no conhecimento das paisagens e tipos humanos. Primeiramente, um caso isolado, segundo Teles, de Hugo de Carvalho Ramos, que sensacionalmente trocou olhar profundo com a paisagem e homem em retratos de sua infância em contos de *Tropas e Boiadas*.

Teles divide a Literatura Goiana partindo da poesia. Sendo esta em seis períodos compreendidos em: Fase da Mineração; Fundação da Academia de Letras e jornal da Província, de 1830-1903; o da aceitação do Romantismo de 1903-1930; o da Fundação de Goiânia de 1930-1942, período fundamental para os avanços intelectuais, concebendo as primeiras prosas; o de 1942-1945 de criticidade para as letras goianas, época em que acontece a criação da bolsa de publicação Hugo de Carvalho Ramos e a I Semana de Arte em Goiás, acontecida em julho de 1956 e o último período a partir de 1955 com os valores do Jornal Oió ampliando os horizontes de nossas ideias para compreensão e apreensão do advento do Modernismo.

A poesia goiana traz descrições de coisas da Terra, elementos folclóricos, população escrava, paisagens, índios, lirismo e musicalidade. Talvez, por isso, a morosidade do seu reconhecimento assim como os poemas de Cora Coralina. Vale lembrar de que por mais que a corrente romântica tenha buscado o rompimento com a forma, ainda há predomínio do clássico até mesmo no moderno. Não primando por regras, poesia do cerrado passa a ser reconhecida na voz de Cora, devido à importância do impacto de seu lirismo.

Coração é terra que ninguém vê  
- diz o ditado.  
Plantei, reguei, nada deu, não.  
Terra de lagedo, de pedregulho,  
- teu coração. Bati na porta de um coração.  
Bati. Bati. Nada escutei.  
Casa vazia. Porta fechada,  
foi que encontrei... (CORALINA)

Do conto ao romance, Teles (1983) afirma ser das nossas produções mais refinadas; Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis trazem além dos elementos folclóricos e fantásticos, um tratamento artístico que ultrapassa os elementos regionais. São quadros baseados na exploração dos minérios; das aberturas de

estradas; grandes fazendas, de gado e de grãos; habitada por personagens conotando tipos humanos poderosos; ou excluídos, abandonados a própria sorte; paisagens de flores e taperas, casas sertanejas... O que pode ser visto como exemplo, em *Élis*, quando apresenta Supriano, feio, sujo, maltrapilho. Sua família consiste em um filho bobo e uma mulher deficiente; um agregado escravo, explorado pelo patrão e pelo preconceito; sendo parte de uma sociedade marginalizada<sup>3</sup>.

Segundo as considerações apresentadas, a Literatura Goiana segue as seguintes vozes da poesia e da prosa. A primeira representada por: Luiz do Couto, Leodegária de Jesus, Leo Lynce, Cora Coralina, Afonso Félix de Souza, Gilberto Mendonça Teles, Ieda Schmaltz, Darcy França Denofrio. A segunda por: Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo *Élis*, Heleno de Godoy, Miguel Jorge, Augusta Faro.

Esses autores constam nos Currículos da disciplina Literatura Goiana dos anos de 2004 e 2005, apresentados para estudo no curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Inhumas; extinta para ano letivo seguinte.

Em seguida, às explicações apresentadas, há uma abordagem dos currículos de Literatura Brasileira e a análise dos estudos provenientes dos mesmos.

### **Análise de Currículos de Literatura Brasileira: contextualização**

A palavra currículo vem do “latim curriculum, pista de corrida” (SILVA, 2009, p. 15); para o sistema de ensino há sinonímia, pois está ligada ao percurso, ao caminho a percorrer através dos conteúdos sistemáticos. Observa-se que os currículos foram criados a partir de uma abordagem estruturalista; formados por elementos estruturais cuja pretensão é seguir um modelo, cumpri-lo de maneira uniforme, na observância temporal para a conclusão.

A partir dos interesses de uma sociedade de poder, nos Estados Unidos, no início do século XX, com a chegada dos imigrantes, houve avanços da industrialização, o que requereu uma mudança na forma de educação para a formação de mão de obra, pois foi necessária a massificação do conhecimento, porém o mesmo estava sempre ligado aos interesses econômicos de uma classe de maior poder aquisitivo e dominante. Estava em voga a importância de um modelo para que não houvesse prejuízo à cultura americana, incluindo a preservação da

---

<sup>3</sup> Conto de Bernardo *Élis* intitulado por “A Enxada”.

religiosidade e da família. Por isso os currículos eram estruturados de forma homogênea. “Um referencial nos estudos sobre currículo é a obra de Franklin Bobbitt, de 1918, na qual ele consegue sistematizar as idéias para a reformulação educacional pretendida pelos grupos dominantes.” (SILVA, apud FREITAS e FREITAS JUNIOR, 2010, p. 164).

Nos países subdesenvolvidos, que dependiam financeiramente das grandes potências para aspirar às novas economias, como era o caso do Brasil, deveriam seguir o modelo de currículo apontado por Bobbitt, que direcionava os estudos para a formação tecnicista. Essa proposta pode ser percebida na era Vargas (1930-1945).

Instituídos a partir dos estudos da Sociologia da Educação no início do século XX, em Inglaterra e Estados Unidos, nessa perspectiva, sua criação visava atender o ensino fundamental, mas o currículo era peça fundamental, também, para as áreas de ensino superior.

Com os adventos do pós-guerra, houve também uma reforma crítica seguidora da sociologia na valorização dos currículos a partir de um olhar histórico-social dos sujeitos. Essa reforma foi intitulada Nova Sociologia da Educação. Seus estudos estavam voltados principalmente não somente para a formação tecnicista, mas nos “por menores” os quais por motivos de força maior, são inerentes à educação: os currículos, o professor, a sala de aula e os espaços que interagem a geografia da escola. Sendo assim, “o veículo condutor da formação oferecida é o currículo que idealiza um tipo de sujeito e vale-se das disciplinas para efetivar seus objetivos”. (FREITAS e FREITAS JUNIOR, 2010, p.165).

Portanto, com mudanças oferecidas, em debates, pela NSE – Nova Sociologia da Educação, os currículos devem ser estruturados de forma a atender as necessidades sociais como um todo e para que haja interação entre escola e sociedade, é preciso que o professor saiba engajar os estudos, buscando através dos conteúdos sistemáticos, o complemento entre a instituição escolar, os saberes e a sociedade da qual faz parte uma comunidade escolar; provocando um intercâmbio entre o conhecimento e a realidade. No caso do ensino superior o conhecimento deve ser aplicado no atendimento à comunidade, através da extensão do âmbito escolar e da pesquisa.

Porém, há um entrave para um novo modelo de ensino, pois sendo os currículos baseados em uma perspectiva marxista, as unidades de ensino superior acabam por perder sua autonomia. A pesquisa deve conferir resultados em curto prazo para gerar lucro e muitas das vezes ela requer longevidade, o que acaba deteriorando, de certa forma, a autonomia das universidades e perdas de oportunidades. É o que acontece quando há falta de apoio financeiro para pesquisas importantes, mas que não geram lucro, como no caso das pesquisas sociais, por exemplo, em linguagem, históricas, arqueológicas, antropológicas e até mesmo em áreas da saúde.

De um lado a NSE externando o caráter arbitrário da seleção de conhecimentos, por sua vez, a análise de viés marxista ressalta a luta para manutenção do poder pelo grupo que detém força política e econômica para afirmar qual conteúdo tem mais valor e merece ser ensinado. (FREITAS e FREITAS JUNIOR, 2010, p. 167).

A partir de 1980, houve mudanças críticas nos estudos de currículos, ideias advindas da NSE, fizeram com que fossem inseridos novos temas em currículos além das disciplinas em si: o multiculturalismo, transdisciplinaridade, sexualidade, cidadania; tais mudanças proporcionariam ao sujeito uma formação, não como produto, algo pronto e sim reflexiva e autônoma.

O currículo marca a construção da identidade do sujeito, porém por mais que o seja seguido à risca, não há um sujeito inventado; já que o mesmo faz parte de uma organização social, cuja situação se abstrai em um jogo de interesses sempre ligados ao poder; que o faz inerente a esta situação circulatória; conseqüentemente haverá muitos obstáculos nas ideologias dos graduados.

### **Currículos de Literatura Brasileira do Curso de Letras**

Esta pesquisa é sincrônica, na qual há análise em currículos de Literatura Brasileira do Curso de Letras, da Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Inhumas, nos anos letivos de 2004 a 2009.

Primeiramente, foram observados em sequência, os aspectos que os compõem: Cabeçalho, Ementa, Objetivos Gerais, Objetivos Específicos, Conteúdo Programático, Metodologia, Avaliação e Referências Bibliográficas. Nos cabeçalhos

constam: a identificação do curso; o regime, seriado; ano; disciplina; carga horária e docente responsável.

Em 2005, a disciplina de Literatura Goiana ocupava 04 horas aula de Carga Horária em Sala e 120 horas aula de Carga Horária Anual. Após aquele ano, foi extinta do curso de Letras. Seu currículo apresentou como ementa, a importância da criação literária em território goiano, obedecendo a uma linha temporal da era colonial à atualidade enfatizando os aspectos mais representativos do desenvolvimento da cultura de Goiás. Apresentava a importância dos autores principais, os que destacaram na Literatura Brasileira. Observa-se que nesta disciplina havia relevância da cultura goiana através da literatura. Pois, além do estudo histórico, estava presente o incentivo aos discentes à pesquisa de textos literários e críticos da área.

Os autores: Leodegária de Jesus, Leo Lynce, Cora Coralina, Afonso Félix de Souza, Ieda Schmaltz, Darcy França Denofrio foram estudados em poesia; Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Élis, Heleno de Godoy, Miguel Jorge e Augusta Faro na prosa.

A metodologia consistia em ministrar os conteúdos em aulas expositivas e eram discutidos os autores literários e críticos no intuito de apreciar, refletir e analisar a literatura dos mesmos.

Para a avaliação havia além das avaliações escritas, trabalhos e seminários.

Nota-se que na referência bibliográfica há nomes que escreveram sobre Goiás, sua História, cultura, autores e obras; nos estudos de Palacin, Teles, Gomes, Rebello e Teixeira.

Nos currículos de 2004 e 2005, não há presença de José J. Veiga e Jesus de Aquino Jayme. O primeiro, autor que apresenta em suas obras o “fantástico maravilhoso” e temas políticos como a ditadura. Estes dois elementos literários são metaforizados, por exemplo, n’*A hora dos ruminantes*; o segundo traz minúcias sobre comportamentos humanos nas cidadezinhas do interior, desafios da puberdade. No conto *Papagaio Tancredo*, em *A Viagem das Chuvas e Outros Contos*, há um quê de todo malandro brasileiro, das cores à psicologia de um povo desafiador, às vezes irritado, mas em sua maioria acolhedor; bem como as particularidades dos goianos. Pois na composição de uma sociedade goiana, que ora, se caracteriza como extremamente ruralista e ora também aparece

acompanhando os passos da modernização, sobretudo a construção da nova capital federal; o conto *Circo*, também da mesma obra, representa o descobrimento alegórico do que chega a uma cidade do interior. Nesse sentido tem-se no encanto dos meninos pelo circo uma metáfora do homem que abandona as enxadas, as plantações de arroz, as conversas no alpendre, as festas do Divino para se aventurar na busca de um novo horizonte e fundamentalmente de ascensão social. Ainda pode se estender esta análise no prisma de que os morros de uma sociedade agropecuarista se transformariam agora em uma sociedade marcada pelo cotidiano social e que o circo, que encanta o menino, é o mesmo que une pelo imaginário e pela linguagem poetas e contistas tão distintos e aparentemente tão dicotômicos. O circo, enfim, é o sonho de todas as Coras, Veigas, Elis e, por que não, de todos os goianos.

Entre os anos de 2005 a 2009, a literatura goiana deixou de integrar os currículos. É importante ressaltar que a participação de Goiás nas escolas literárias foi tardia. A motivação deu-se por concepções de estado periférico, atrasado e deslocado do eixo de produção literária, cujos referenciais estavam centrados nas regiões litorâneas.

A inserção da literatura goiana, em âmbito nacional, aconteceu após o advento do Romantismo. Talvez por isso, a voz de Cora Coralina aparece isolada nos currículos de 2007, 2008 e 2009. De acordo com Teles, as obras da autora requerem maiores estudos, uma vez que o teor de sua construção poética se firmou por sua ideologia. Desse modo, segundo Teles, seus versos carregam mais lirismo que labor.

De acordo com as reflexões estabelecidas, a seguir, serão apresentadas ideias, de construção, de um novo referencial, para pensar a inserção do estado no cenário nacional.

### **Construção da Goianidade: literatura e identidade**

Não se pode falar em literatura exclusivamente goiana. Também não é possível observar seu desaparecimento em currículos se não abordar, em primeira instância, a literatura brasileira. É preciso, inicialmente, considerar os nomes dos

grandes estudiosos dos marcos de seu início e de suas alegorias. Sendo assim há um diálogo entre Coutinho, Candido, Bosi e Roncari.

De modo geral, pode-se considerar que Afranio Coutinho considera que a literatura no Brasil realmente se iniciou com a carta de Pero Vaz, mas não se tratava de uma literatura brasileira e sim de uma literatura feita no Brasil por pessoas que até então eram colonizadores. Já para Antonio Candido, a literatura brasileira teve dois momentos decisivos que possibilitaram seu surgimento e sua futura corporificação enquanto literatura realmente brasileira: o Arcadismo e o Romantismo. Candido não considera a literatura antes do arcadismo, porque era uma literatura feita quase que exclusivamente por colonizadores. Mas, o Arcadismo no Brasil teve um caráter singular, porque possuiu ligações muito próximas ao movimento da Inconfidência Mineira, que foi um dos primeiros movimentos que queriam a separação total do Brasil em relação a Portugal, ou seja, o Brasil deixaria de ser colônia para ser um território independente. Alfredo Bosi não se preocupou muito em teorizar sobre o início da nossa literatura e se considera um dos discípulos de Candido, o que pressupõe que concorde com as ideias de Antonio Candido. Luiz Roncari descreve com clareza as raízes da tradição literária brasileira:

Foi vivendo esse embate entre as tendências e influências provocadas pelo contato externo – tanto com fontes modernas quando com fontes de tradição – e as exigências da vida social local que a literatura brasileira adquiriu uma forma própria. É, portanto, um ramo da literatura ocidental, na qual seus tem seus maiores contatos e fontes, e, à medida que se organiza a partir de uma realidade sociocultural específica e tem a língua portuguesa como uma realidade carregada de valores culturais e ideológicos próprios, cria também uma tradição e acervo particulares e constitui-se numa formação literária capaz de contribuir para aquele tronco comum. Realidade sociocultural, língua portuguesa, história e tradição literária criada ao longo de seu desenvolvimento são as mediações, os caminhos e meios pelos quais devem passar necessariamente as novas elaborações literárias que pretendam participar dessa grande tradição que chamamos de literatura ocidental. (RONCARI, 2002, p.24)

Fica aqui a certeza de que desde o descobrimento, perpassando por todos os ciclos econômicos do Brasil Colônia, foram constituídas raízes em que a tradição foi enfatizada. Mas, como estudar a tradição se, talvez pelo discurso de poder, muitas vezes é destituída. Não a tradição brasileira, mas a regional.

Nesse estudo sobre currículos percebeu-se a extinção de uma disciplina dedicada ao estudo regional. Observou-se que somente a autora Cora Coralina mereceu destaque durante três anos sequenciais da Literatura Brasileira III. O

desaparecimento poderia ser explicado devido à disciplina, em questão, não atender à situação econômica. Enfatiza-se que a escola tem elos com o capitalismo, os currículos foram criados em uma perspectiva marxista e neste contexto, ideologias não são priorizadas, mas sim o atendimento imediato ao sistema.

Nesse caso, sabe-se que a cidade de Goiás tornou-se um patrimônio histórico, cujo abrigo está a personalidade de Cora; famosa por sua força feminina, por seus doces e causos, o que propaga as belezas de Goiás ao Brasil e ao mundo. Portanto, o turismo abre portas para o reconhecimento econômico do estado. Ratifica a impressão de que o estudo de literatura goiana, não é tão importante, que somente uma voz pode explicar o valor histórico e a identidade do sujeito; que a literatura é reconhecida não por sua beleza intrínseca, mas a partir do momento que a mesma possa ser bela através do brilho do lucro.

Em contrapartida, a literatura regional faz parte de uma tradição geral e transcendeu, desde o pré-modernismo brasileiro, os ensejos não somente da paisagem, mas si da universalidade humana. É preciso observar que as ideias de Goiás não foram ouvidas nos grandes centros, devido à situação geográfica e conseqüentemente o silêncio do explorado. Em posição de relatividade, foram poucos os goianos inteirados dos movimentos situacionais de poder, os quais foram marcos de revolução política, econômica e intelectual. O estudo de literatura goiana não deve ser penalizado, pois a cultura regional também serve à economia de um povo.

Tadeu Tomaz da Silva, em *Documentos de Identidade uma introdução às teorias do currículo*, discorre sobre as teorias do currículo, partindo de sua criação aos conceitos que as permeiam; às possíveis mudanças para a formação de identidade; demonstrando o embate de vários teóricos do assunto em relação à inerência do mesmo às situações de poder e ao marxismo.

Em relação à teoria de currículos, segundo Silva, Franklin Bobbitt escreve em 1918, o livro *The curriculum*, que serve de ferramenta à educação estadunidense. Usando-o como paradigma, o currículo de Bobbitt era objetivo, crucial na educação de massas em tecnologia e também em promover a aculturação dos imigrantes trabalhadores do novo modelo industrial americano mantenedor da situação de poder. “O modelo de Bobbitt estava claramente voltado para a economia. Sua

palavra-chave era 'eficiência'. O sistema educacional deveria ser tão eficiente quanto qualquer empresa econômica." (SILVA, 2009, p.23).

Mas essa teoria foi adquirindo vias mais complexas, como a de democracia e vivência com os estudos de Dewey, porém foi consolidado o paradigma objetivo e organizado de Ralph Tyler, em 1949; pois com a influência norte-americana em países subdesenvolvidos, o modelo de Tyler trouxe ideias de organização e desenvolvimento. No caso do Brasil sua influência ocorreu também no processo de industrialização da educação tecnicista e fordista. Ainda se tratando desta complexidade situa-se Michael Apple, mediando educação e economia; e Henry Giroux, ampliando que ideias burocráticas não prezam o caráter histórico e político e sim contribuem para as injustiças sociais.

Com os adventos da Nova Sociologia da Educação, muito se debateu sobre a questão objetiva do conhecimento no caso dos currículos. Isto porque era importante repensar conhecimento e poder.

Em primeiro lugar, uma perspectiva curricular inspirada pelo programa da NSE buscaria construir um currículo que refletisse as tradições culturais e epistemológicas dos grupos subordinados e não apenas dos grupos dominantes. Da mesma forma, procuraria desafiar as formas de estratificação e atribuição de prestígio existentes, como, por exemplo, a que divide as ciências e as artes. Além disso, um currículo que se fundamentasse nos princípios da NSE deveria transferir esses princípios para seu interior, isto é, a perspectiva epistemológica central do conhecimento envolvido no currículo deveria ser, ela própria, baseada na ideia de "construção social". (SILVA, 2009, p.69)

No Brasil há a crítica de Paulo Freire, que observa o papel do educador como centro de poder, a educação bancária como vazia de epistemologia e sugere a junção de culturas, formal e informal como fonte e diálogo para o conhecimento; a participação dos educandos na construção dos currículos de "conteúdos programáticos"; destituindo fronteiras entre cultura erudita e cultura popular.

### **3.2 Além da *Casa da Ponte*<sup>4</sup>...**

Retomando a literatura, no conceito de ser a arte que imita a vida, Goiás aparece nos grandes centros primeiramente com *Tropas e Boiadas*, de Ramos, mais

---

<sup>4</sup> Situada às margens do Rio Vermelho, na cidade de Goiás (capital da antiga Província e Estado de Goiás), a casa pertenceu à poetisa Cora Coralina.

tarde com Elis, Veiga, Cora e Jayme. A literatura brasileira firma-se com o regionalismo a partir de 1930 a 1945. São destaques, autores como Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Erico Veríssimo e Guimarães Rosa, em prosa e em verso João Cabral de Melo Neto.

Nelly Alves de Almeida, em *Estudos sobre Quatro Regionalistas*, demonstra a importância dessa modalidade para a literatura brasileira, observando que há uma sutil diferença entre o sertanismo romântico e o regionalismo. O primeiro estampa melancolia, linguajar menos elaborado e não transcende as relações humanas; mas é importante ressaltar que, o sertanismo, serviu de inspiração para os escritores modernos que elaboraram a linguagem, suportaram-na de alegorias e conseguiram em contrapartida fazer suspirar anseios e construir consciências. “Através d’ele fomos libertando do complexo europeu, onde, em tempo não muito longínquo, bebíamos inspirações e buscávamos modelos.” (ALMEIDA, 1985, p.18).

De fato, Supriano e Fabiano, células em ambientes diferentes se aproximam pela dor da exclusão. Os coronéis Paulo Honório e Pedro Melo sucumbem em seu próprio poder. O que os diferenciam e os colocam em posições antagônicas é a situação de poder. Nem Supriano, nem Fabiano têm o domínio da linguagem, não se expressam, nem tem oportunidade de ser. Já, Paulo Honório e Pedro Melo, enquanto estão de bem com o estado, o qual é o poder maior, são vozes obedecidas pelos mais fracos, mas quando não servem mais à política ou discordam dela, acabam definhando e sofrendo das mesmas angústias que seus oprimidos, mas crêem manter dignidade.<sup>5</sup>

A situação aplicada aos estudos de currículos se faz pertinente. Toda situação de poder é circulatória, não no que diz respeito à igualdade, mas sim um círculo fechado em que os partícipes não entregam o seu posto. Se os currículos são estruturados pela linguagem e esta é fantasiada pelos discursos, para que haja subjugados é necessário manter as estruturas e atender ao sistema.

[...] cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade; isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona

---

<sup>5</sup> Fabiano: personagem do romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos.  
Paulo Honório: personagem do romance *São Bernardo* de Graciliano Ramos.

como verdadeiro (FOUCAULT, apud FREITAS e FREITAS JUNIOR, 2010, p.168).

Nos estudos de literatura goiana, está também Gilberto Mendonça Teles. Em *A poesia em Goiás*, traça uma linha histórica e apresenta a poesia goiana em seus vários momentos e a apreciação de um conjunto de versos os quais considera os melhores.

Além dos poetas citados no currículo de 2004, também traz versos de Bernardo Élis e Hugo de Carvalho Ramos. Teles tem sido o mais dedicado autor e crítico da produção de Goiás. Atento às inovações, denomina que há uma “literatura brasileira de Goiás”. Em entrevista exclusiva concedida às *Trilhas Literárias do Plataforma para a Poesia*, na edição de julho de 2004, quando questionado por Deonísio da Silva<sup>6</sup>, o autor aponta suas considerações:

D. – O senhor poderia fazer um rápido comentário sobre a literatura brasileira de Goiás? Tem havido uma efervescência impressionante nas últimas décadas, não?

GMT – Gosto de como você se expressa, falando de "literatura brasileira de Goiás" (ou em Goiás, como escrevi), evitando assim o discutido "literatura goiana" ou literatura piauiense, mineira, etc. É um problema que se encontra entre os intelectuais de cada Estado, numa discussão algo provinciana. A ficção de Goiás é uma das mais importantes do país, com nomes que vêm de Hugo de Carvalho Ramos e chegam a Bernardo Élis, a José J. Veiga e atualmente a Antônio José de Moura. A poesia teve no passado Manoel Lopes de Carvalho Ramos e Félix de Bulhões; e na atualidade os nomes de José Godoy Garcia, Afonso Félix de Sousa, A.G. Ramos Jubé, Brasigóis Felício e Gabriel Nascente. Na crônica se destacam Bariani Ortêncio e José Mendonça Teles. A crítica se move em torno da universidade, com José Fernandes, Moema de Castro e Silva Olival e Darcy França Denófrío. É o que posso dizer, acrescentando que a "efervescência" de que você fala não me parece tão "efervescente" assim e que muita publicação não é bem o sinal de boa literatura.

Quanto a Cora Coralina, eis o que escrevi para uma entrevista em Goiás, mas que ainda está inédito: Os seus poemas constituem um belo mito literário de Goiás e — por que não? — de todo o Brasil. E, como todo mito, foi criando a sua própria estrutura, uma superestrutura, uma linguagem estratosférica, que impede que a obra seja realmente compreendida, e estudada. E como se iniciou tudo isto? Através de um duplo movimento: Primeiro, com a sua saída de Goiás: Cora Coralina (cujo nome literário por si só já possui um encantamento mítico-poético) saiu da Cidade de Goiás (que também por si só é um berço de mitos) ainda muito

---

<sup>6</sup> Deonísio da Silva, professor universitário com vários ensaios sobre os anos de censura e seus efeitos na literatura, realiza uma contundente crítica política sem se deixar cair no panfletário ou em romances ensaísticos. O último romance que escreveu aborda a questão agrária, uma das mais conflitantes do país, retomando a trajetória histórica do movimento dos sem-terra. Textos do autor foram adaptados para a televisão e o cinema, entre os quais se destacam 'Relatório Confidencial'.

nova, em 1911, numa aventura que deixou seus habitantes boquiabertos, criando-se um sentido evhemerista para a base do mito. Segundo, com sua volta a Goiás, 45 anos depois, em 1956. Com isto o tecido mítico estava quase pronto: só faltava um ingrediente de ordem superior que o reavivasse. E isto se deu com o reinício da publicação de seus poemas e uma série de pequenos acontecimentos oportunos, como a crônica do Drummond, em que se fala mais da mulher de 70 anos e dos temas do que da sua linguagem poética e quando toca no verso parece desconversar, dizendo apenas: "O verso é simples, mas abrange a realidade vária". A partir daí fala de sua "consciência humanitária [...] que o seu verso consegue exprimir tão vivamente em forma antes artesanal do que acadêmica". É o único momento em que Drummond fala dos versos de Cora Coralina. Um leitor consciencioso percebe que Drummond evita falar da estrutura dos poemas e concentra o seu elogio na capacidade de Cora tratar das coisas simples e humanas. Ele se encantou com a mulher de setenta e tantos anos e a sua disponibilidade para escrever. As feministas precisavam de uma referência como Cora Coralina e a tomaram como símbolo do movimento das mulheres. Cora, inteligentemente, aceitou as homenagens do movimento, escrevendo muitos de seus poemas sobre esse tema.

Estava assim consolidado o mito. Desta maneira quem quer que escreva hoje sobre Cora Coralina está "dirigido" pela linguagem mítica, que é simbólica e, como tal, opressora, vertical e impositiva, de cima para baixo. A especulação crítica perde a sua liberdade e o estudioso não se dá conta de que está escrevendo o "esperado". Escreve-se sobre a mulher e não sobre sua obra, que vai ficando "invisível" como forma literária. Só se vêem os "temas", como se isto por si só constituísse a literatura. As dissertações de mestrado e os trabalhos que aparecem são "sobre" Cora Coralina e não sobre sua obra. Com isto, os elementos estéticos e estilísticos de seus poemas e o problemas primários de verificação de manuscritos e textos publicados depois da morte da autora vão sendo marginalizados. E o público, que não sabe nada disto, vai achando que é assim mesmo. Mas está errado. A crítica não tem a função emotiva de confirmar o que já se disse, e sim a de examinar a obra, reexaminá-la e trazer contribuições que justifiquem o seu valor na literatura. As editoras não estão interessadas nestes problemas: querem é faturar, vender os livros da autora, independente de estarem ou não fiéis aos manuscritos. E o problema vai rolando até que um dia apareça alguém que faça um estudo digno do nome e do mito de Cora Coralina, sem o malabarismo de citar Deus e todo o mundo para justificar o inexplicável. Desviam-se da obra para o contexto, onde metem à força a escritora, falseando a idéia de geração e a visão teórica dos gêneros. Para isto é preciso partir apenas da sua obra: não ter medo de desagradar à filha e levantar o que ela publicou em revistas e jornais, antes de voltar para Goiás — na primeira fase do mito. Em seguida, ver os seus livros e os poemas inéditos, num trabalho preliminar de preparar os textos de Cora para o futuro leitor. É só depois analisar seus poemas, a partir da linguagem deles, sem lançar mão de teorias inadequadas (de gêneros e gerações) e enfrentar os textos como eles são, mostrando o seu valor pelo modo com que foram produzidos e estruturados. Daí, tenho certeza, sairá não um antimito, mas uma Cora Coralina digna de ser realmente reverenciada como signo (não um símbolo) da cultura goiana.

Os currículos de Literatura Brasileira III evidenciam as considerações de Gilberto Mendonça Teles, pois Cora Coralina foi a única autora goiana estudada, concluindo que após o desaparecimento da disciplina, Literatura Goiana, silenciou, com ela, o estudo da cultura de Goiás, bem como o de suas vozes.

Para dinamizar esta pesquisa em currículos, foi realizada uma entrevista, semi-estruturada, com análise de dados qualitativos, concedida gentilmente, em 13 de janeiro de 2011, pela professora Dr<sup>a</sup>. Renata Rocha, professora de Literatura Goiana em 2004 e 2005; Literatura Brasileira II e III, da Unidade Universitária de Inhumas – UEG.

Quando questionada sobre os objetivos gerais da disciplina de Literatura Brasileira III, ela disse se tratar do estudo das manifestações a partir do Pré-Modernismo, no século XX.

Quanto à relevância dos estudos da disciplina para os discentes, ressaltou que os mesmos, após o curso, adquiriram capacidade de entendimento e análise da “evolução dessa manifestação artística nacional, desde a sua formação aos dias atuais”; também explicou que a metodologia priorizada é o estudo bibliográfico.

Como as perguntas giraram em torno da formação de planos de curso e no caso da produção goiana, se tratando do regionalismo, ponderou que dependendo da abordagem de cada estudioso, o contexto histórico é estudado, porém nem todas as “abordagens críticas de cunho histórico e/ ou sociológico primam só essa análise contextual”. Em relação ao regionalismo local e elementos constituídos como, por exemplo, os folclóricos, disse acreditar que os estudos dos autores goianos são importantes, porém é importante a observação de valores literários, que as abordagens devem ser feitas de acordo com as permissões da própria obra; ilustrando a questão com uma consideração de “Umberto Eco: Uma obra literária é aberta a inúmeras leituras, mas não a todas. Assim a própria obra aponta as suas ferramentas de análise”.

Quando questionada sobre a Literatura Goiana, que deixou de ser ministrada em 2005 e sobre a perspectiva de inserção de seus conteúdos nos planos de curso de Literatura Brasileira III, a Professora com sutileza, disse “não fazer mais parte do corpo docente” da instituição pesquisada, mas argumentou que alguns autores goianos podem ser incluídos pelo professor de literatura brasileira; assim percebeu-se um paralelo das ideias da professora Renata e Teles, no que diz respeito à classificação das regionalidades, ao dizer que “a literatura goiana é literatura brasileira” e que a escolha de autores goianos a partir do Romantismo, seja uma “forma de não deixar de lado nosso Estado”. Também diferenciou o regionalismo da era romântica e as manifestações modernas; explicando que neste movimento

“houve uma necessidade de se valorizar o local, o diferente, o pitoresco. Já, as manifestações mais recentes de uma literatura dita regionalista encaram o regional de um modo mais universal, como fez Guimarães Rosa, por exemplo. Sendo assim, a Professora demonstra, mais uma vez, paralelos segundo Almeida e Teles; os quais apontam, em Goiás, esta universalidade na prosa de Ramos e Elis.

Sobre a relevância da produção goiana comparada à brasileira e a carência de analistas, na observação do despontamento econômico de Goiás, mais uma vez ela disse não haver porquê de separar as literaturas classificando-as em adjetivos pátrios, porque não vê tanta diferença entre a produção goiana das demais e justificou: “assim como acontece em outros locais, temos bons autores e obras, como também temos os autores e obras ruins. Acontece que não estamos num grande centro econômico-cultural como os do eixo Sul-Sudeste e talvez por isso não tenhamos visibilidade maior. Também há uma questão histórica e tradicional de que as grandes rupturas da literatura nacional tenham acontecido no eixo Rio – São Paulo, devido à rapidez do acesso à informação em momentos decisivos anteriores. Mas, também, creio que hoje, com novas formas de publicação, como o meio digital e tantos outros fatores, bem como um pensamento que já ganha espaço desde o início do século XX, esse entendimento muito localizado de produção literária tende a se universalizar ainda mais”.

Por estas considerações, é possível observar que Goiás é um estado que foi descoberto na primeira metade do século XVIII, passou por ciclos distintos, como aborda Chaul, dividindo-os em Bandeirantismo, cuja importância se faz como primeiro elemento identitário; Mineração, Pecuária, Agricultura, Ferrovias e projeção de Goiânia; nos elos desses seis marcos pode-se acrescentar um sétimo marco, gerado pela efervescência de ideias, a partir da transferência da capital goiana, a cidade de Goiás, antiga Vila Boa, para Goiânia, emancipada por características de cidade planejada, pensada e racionalizada, através da conexão dos novos ideários com o restante do país, concretiza-o como marco identitário da literatura goiana.

Neste momento não se tem a pretensão de discordar de Teles, quando em crítica não diferencia as literaturas feitas em cada estado, pois o autor concede igualdade a toda produção regionalista como parte da produção brasileira, mas sim uma busca de concretizar, firmar os encantos das vozes que levaram Goiás para o Brasil. Aqui, está presente a aspiração de uma nova visão para a formação de

currículos em literatura, pois nas universidades está a conexão dessas vozes; nesse âmbito elas vão além das estantes, da informação jornalística; da formação da identidade para o mercado de trabalho; mas ao acréscimo da arte da criação.

### **Considerações Finais**

A cultura de origem e o conhecimento são celeiros para a identidade do sujeito; cuja formação se constitui também nas instituições de ensino. Os currículos são a base para o estudo dos conteúdos sistemáticos da vida estudantil. Baseados desde o início do século XX, instituídos nos Estados Unidos, em uma perspectiva marxista, na qual há um enfrentamento entre burguesia e proletariado, sendo a primeira como parte de um ciclo de poder e a segunda sempre subjugada e obrigada a construir sujeitos para servir a interesses que a primeira considera verdadeiro. Mesmo moldados pelos adventos da Nova Sociologia da Educação, no jogo de poder, os currículos são estruturados pela linguagem, ferramenta principal de comunicação, ainda transmitem o êxito daqueles que forem maiores detentores de conhecimento da mesma e conseqüentemente do maior poder aquisitivo.

Sempre se justificando de motivos de força maior, para o bem da sociedade, o “sistema” por vezes sacrifica o conhecimento, que deveria servir a todo ser, porém esquece o diálogo oprimindo, por atitudes extremistas, as massas, silenciando-as e tangendo-as como boiadas; já dizia o cantor e compositor Zé Ramalho, “vida de gado/ povo marcado ê/ povo feliz”. O bem que deveria servir à sociedade, concedendo às instituições de ensino a autonomia, não se alia aos componentes das mesmas; por vezes causa perda à cultura informal e as tradições culturais vão se disseminando quando se eleva o conhecimento em deteriorização do senso comum. Nessas perdas, as memórias que as constituem como fatos históricos vão se diluindo e as culturas regionais, escritas ou orais, somente são valorizadas e evidenciadas se servirem ao sistema capitalista para geração de lucro.

Nessa pesquisa realizada, em currículos, com o intuito de conhecer o porquê da extinção da disciplina Literatura Goiana do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Inhumas, percebeu-se que em poucos momentos estudou-se Goiás. Que nos estudos da produção goiana, a partir de 2005, somente uma voz sucintamente respirou os valores dessa sociedade. Coralina, “grande mito”,

do cerrado goiano, musicalizou o solo de árvores retorcidas, de louvor às almas nas procissões, ressuscitou elementos folclóricos, reproduziu quadros característicos do Romance de 1930, declamou flores às mulheres, adocicou as palavras com seus doces; mas sua presença única nos currículos de 2007 a 2009, recortes sincrônicos desta pesquisa em currículos, não foi suficiente para formar o buquê das flores raras do cerrado goiano. Se aliado às novas teorias dos currículos, discutidas por Tomaz Tadeu da Silva, cujas perspectivas requerem reflexões em relação à formação de identidade via currículos de conhecimento, a disciplina de Literatura Brasileira III, poderia ser adornada de um coral em sintonia à origem dos goianos.

Goiás atravessou por ciclos distintos exploratórios; porém o coração geográfico do Brasil foi “poupado” de muitas mudanças. O povo de linguajar retroflexo ficou por anos esquecido dos grandes centros, perdido na poeira da terra vermelha e fértil que o constituiu em muitas de suas estradas. Neste tempo, a folia foi cantada, ouviu-se de longe o ranger dos carros de bois até a construção das ferrovias e a projeção de um novo centro, Goiânia.

A partir daí, para acrescentar às cores do *Papagaio Tancredo*, de Aquino, metaforizado de sobreposição verde ao amarelo e na forma da antiga cartografia do estado, chegou o *Circo* de lona colorida e a toda vez que deixava uma “currutela”, levava sonhos e os transformava em realidade a cada volta! As mãos de Piano, em Élis, foram substituídas pelas máquinas e por grandes usinas. As vozes dos coronéis foram silenciadas, os elementos ruminantes do realismo maravilhoso, de Veiga, são agora fonte de alimento e exportação.

Na estrada de Pedro Melo a poeira é a fumaça de automóveis... que diria a gente da cidadezinha que recebeu num piscar de olhos uma *máquina extraviada*? Na festa do Divino, ou na distante romaria do Muquém, ainda suspira a tradição, embora sofisticada pelos argrores do moderno que causam o desaparecimento das devoções...

Tudo isto aqui apresentado tem o intuito de reforçar quão importante é a tradição de um povo. Que mesmo a cultura sendo enfatizada em lucros, como por exemplo o turismo, ela é constituída e sobrevive pelos cidadãos; cantada em versos, por vezes satirizada, como fez Juraildes da Cruz, em defesa da cultura goiana,

quando cantou que “Se farinha fosse americana, mandioca importada, banquete de bacana era farinhada”.<sup>7</sup>

Na perspectiva do trabalho apresentado, Goiás está *além da casa da Ponte*. As vozes do cerrado estão prontas para cantá-lo mais que nas *Noites Goianas*; pois da poesia à prosa, essas vozes obtiveram o êxito de criar, não somente rimas e histórias de ficção, mas um sétimo marco, um divisor de águas, que faz de Goiás um encanto reconhecido por identidade na Literatura Brasileira.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nelly Alves de. **Estudo sobre quatro regionalistas: história de goiás**. 2 ed. Goiânia: UFG, 1985.

BERTRAN, Paulo. **Formação econômica de Goiás**. Goiânia: Oriente, 1978.

BOSI, Alfredo, **História Concisa da literatura brasileira**. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

\_\_\_\_\_. **O conto brasileiro contemporâneo**. 14 ed. São Paulo: Cultrix. 2002

CAMPOS, Francisco Itami. **O coronelismo em Goiás**. 1. ed. Goiânia: UFG, 1987.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1997.

CHAUL, Nars. **Marchas para o oeste**. In. *Relações Cidade Campo: Fronteiras*. Goiânia: UFG, 1988.

\_\_\_\_\_. **O coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias**. Goiânia: Kelps, 1988.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura brasileira no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. 14. ed. São Paulo: Gaia, 2008.

---

<sup>7</sup> Juraildes da Cruz iniciou sua carreira artística em 1976, quando participou do GREMI, Festival de Arte de Inhumas (Goiás), e foi classificado em primeiro lugar. Participou de mais de cem festivais de música, com destaque para o Festival Tupi-79, onde se apresentou com Genésio Tocantins, ao lado de artistas como Caetano Veloso, Elba Ramalho, Zé Ramalho e Jackson do Pandeiro.

ELIS, Bernardo. **O tronco**. São Paulo: Editora Três, 1974.

[http://pensador.uol.com.br/poemas\\_de\\_cora\\_coralina/](http://pensador.uol.com.br/poemas_de_cora_coralina/) 18/01/11 às 01h13min

[http://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR46118646c103d\\_1.pdf](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR46118646c103d_1.pdf) 16h: 40min  
25/01/10

<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta>.

<http://www.curriculosemfronteiras.org/> 23h44min 27/01/11

<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol2iss1articles/paraskevaconf.pdf> 23h: 34min  
24/01/11

[http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaBrasileira/Contemporanea/Bernardo\\_Elis\\_O\\_Tronco\\_resumo.htm](http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaBrasileira/Contemporanea/Bernardo_Elis_O_Tronco_resumo.htm)

<http://www.plataforma.paraapoesia.nom.br/tri2004entgmt.htm#> 21/01/11 às 14 h: 45  
min.

[http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume4/primeiras\\_letras/jose\\_humberto.p  
df](http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume4/primeiras_letras/jose_humberto.pdf) 18/01/11 às 01h 22min

<http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/resenha03.pdf> 23h: 34 min 24/01/11

<http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/resenha03.pdf> 23h: 35min 24/01/11

[http://www.vermelho.org.br/prosapoesia/coluna\\_print.php?id\\_coluna\\_texto=3277&id  
coluna=46](http://www.vermelho.org.br/prosapoesia/coluna_print.php?id_coluna_texto=3277&id_coluna=46) 21/01/11às 13h: 45min

FREITAS, Carla Conti de; KRATZ, Lúcia. **Docência Universitária: desafios e possibilidades no ensino superior**. Goiânia: Kelps, 2010.

JAYME, Aquino Jesus de. **A viagem das chuvas e outros contos**. 2.ed. Goiânia: UFG, 2002.

PALACIN, Luis. **O século do ouro em Goiás**. 4. ed. Goiânia: UCG, 1994.

PALACÍN, Luis; SANT`ANA, Maria Augusta de. **História de Goiás**. 6.ed. Goiânia: UCG,1994.

RONCARI, Luiz. **Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos**. 2. ed. São Paulo: USP, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TELES, Gilberto Mendonça. **A Poesia em Goiás**: estudos goianos I. 2. ed. Goiânia: UFG, 1983.